

AS MIRABILIA NO LIVRO VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE.

Jorge Luiz Voloski (PIBIC/CNPq//UEM), Jaime Estevão dos Reis (Orientador), e-mail: jaimeestevaoreis@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/
Departamento de História.

Ciências Humanas - História

Palavras-chave: Idade Média, *Mirabilia*, Jean de Mandeville.

Resumo:

Este artigo pretende apresentar os resultados projeto de pesquisa realizado ao longo de 2018-2019, o qual teve a intenção de analisar as “maravilhas” presentes no livro *Viagens de Jean de Mandeville*. A fonte foi escrita no século XIV e os pesquisadores discutem a respeito de sua autoria, sem embargo, é quase unânime, entre os estudiosos posteriores ao século XIX, o pressuposto de que obra relata um deslocamento imaginário. O livro foi amplamente difundido em fins da Idade Média, e despertou grande interesse entre os leitores. Era fonte de leitura de viajantes como Cristóvão Colombo. Escrito em primeira pessoa, o livro narra o deslocamento de um suposto cavaleiro, Jean de Mandeville, pelo Oriente. A mescla do real com o “maravilhoso” é constante no relato, visto que, para a mentalidade medieval, ambos os elementos se completavam. Sobre as *mirabilia*, analisadas na pesquisa, percebemos que elas aparecem, em sua maioria, na segunda parte do escrito.

Introdução

A Idade Média legou aos historiadores uma pluralidade de escritos relacionados às viagens. Tais documentos revelam a relação dos homens daquele contexto com os deslocamentos. Não podemos excluir, entretanto, desse grupo de fontes aquelas obras baseadas em itinerários imaginários, como, por exemplo, o livro de Jean de Mandeville.

Escrito em meados do século XIV o livro *As viagens de Jean de Mandeville*, também traduzido com o título de *O livro das maravilhas do mundo*, narra o itinerário de um suposto cavaleiro Inglês, autodenominado Jean de Mandeville, até às terras Orientais. O início da viagem ocorre em 1322 e seu regresso em 1356, por causa de uma artrite gotosa.

Redigida inicialmente em língua vulgar, a obra é dividida em duas partes. Na primeira observamos algo como um guia de peregrinação, onde o autor apresenta dicas acerca das melhores rotas de viagem da Inglaterra até Jerusalém. Já no segundo fragmento, o escritor descreve os locais além da Terra Santa. Ao longo de todo o livro abundam as descrições de maravilhas.

As manifestações maravilhosas variam entre milagres, descrição de pessoas com peculiaridades físicas, animais exóticos, objetos excepcionais, engrandecimento de coisas diferentes das conhecidas, entre outras. Buscando melhor compreender essa expressão literária e antropológica, ao longo da pesquisa tivemos como base o estudo de Jacques Le Goff, sobre o maravilhoso no Ocidente medieval e G. R. Altamiro Meza, acerca do maravilhoso no Livro de Alexandre.

Materiais e métodos

Nos últimos anos o estudo da História vem sofrendo alterações. A mescla do método histórico com outras ciências, entre elas, a Linguística, fez com que os historiadores ampliassem seu horizonte de questionamento em relação aos documentos analisados.

Assim, para o desenvolvimento dessa pesquisa, dialogamos não apenas com historiadores, mas, também com estudiosos que se ocupam da literatura medieval. Esse diálogo permitiu o entendimento do conceito de maravilhoso na Idade Média, bem como compreender a questão do imaginário medieval.

Como imaginário, compreende-se aqui não exclusivamente as imagens visuais produzidas, mas, as representações mentais e verbais presentes na sociedade. Acima de tudo, a ideia de imaginário, resiste aos conceitos atuais de real ou irreal, sendo visto, nos diferentes contextos, como uma realidade tão presente quanto o palpável (BARROS, 2007).

Partindo desses princípios buscamos compreender como Jean de Mandeville pensava o Oriente, local que mais se assemelha a uma ideia criada do que propriamente uma delimitação geográfica específica.

Afunilamos nosso estudo no “maravilhoso” descrito das terras orientais. Muitas vezes essas *mirabilia* eram procedentes da Antiguidade, por esta razão, tivemos a preocupação, no decorrer da pesquisa, de compreender as particularidades existentes no período que foi escrito o documento estudado.

Resultados e Discussão

No livro *Viagens de Jean de Mandeville* o autor se apresenta como Jean de Mandeville, cavaleiro, nascido em Saint. Albans, Inglaterra, que no ano de 1322 realiza uma viagem da Europa até o Oriente, regressando em 1356, por causa de uma artrite gotosa.

Segundo Susana Morales Osorio e Sonia Fernández Hoyos, essas informações a respeito do autor, por anos foram tidas como verdadeiras, contudo, em fins do século XIX pesquisadores começaram a contestá-las. Isto ocorreu porque os críticos daquele momento legitimavam um escrito pela experiência do sujeito, e, no caso de Jean de Mandeville, a obra se caracterizava mais como um acoplado de outros escritos de viagens. Para as autoras, esses parâmetros de investigações estão distantes a obra e de seu contexto histórico, assim, o que interessa é a formação do personagem dentro do escrito, e não sua existência (HOYOS, OSORIO, 2006).

Devido à dificuldade de identificar o autor do livro, não nos detemos de maneira profunda nessa discussão. Ao contrário, detemo-nos na análise do “maravilhoso” no

livro de Jean de Mandeville, já que esse foi o objetivo principal do desenvolvimento da pesquisa.

Sobre as *mirabilia*, podemos colocar, de forma breve, que o termo é caracterizado tanto pelo fascínio provocado pelo extraordinário, quanto na admiração ao excepcional dos objetos e fenômenos vislumbrados. É algo que rompe com o cotidiano, causando admiração, surpresa e gosto pelo novo e diferente. O vocábulo escapa, além do mais, dos conceitos contemporâneos de natural e sobrenatural, haja vista que, foi escrito em um contexto onde tal separação não era clara.

Para Jacques Le Goff, após o século XII, o “maravilhoso” enquanto sobrenatural, era dividido em três grupos: *mirabilis*, que seria a maravilha oriunda da cultura pré-cristã; *magicus*, sobrenatural maléfico, ligado ao satânico e; *miraculosus*, o maravilhoso propriamente cristão, ou seja, o milagre. Já como categoria, o autor observa cinco manifestações diferentes: “as terras e lugares diferentes”, “os seres humanos e antropomórficos”, “os animais”, “*mischwesen*”, “os objetos” (LE GOFF, 1986).

Gerardo Román Altamirano Meza coloca a categorização de Le Goff como insuficiente na colaboração de uma análise textual. A melhor alternativa, de acordo com o autor, é dividir o maravilhoso em: “feérico”, “milagroso”, “mágico”, “prodigioso”, “exótico”, “mecânico”.

Percebemos, desta forma, duas distintas maneiras de analisar as maravilhas na Idade Média. A primeira, baseada nos escritos de Jacques Le Goff, a qual possui apreensões historiográficas. Enquanto a segunda, com Gerardo Román Altamirano Meza, orientado por incumbências literárias.

Outra forma de entender o maravilhoso na Idade média é através da compreensão do vocábulo escrito. Na fonte estudada o termo aparece 51 vezes, com variações diferentes: “maravilha” irrompe 19 vezes; “maravilhas” 14 vezes; “maravilhado” em dois momentos; “maravilhosamente” em três; “maravilhei-me” uma vez; “maravilhoso” seis vezes; “maravilhosa” ocorre uma vez; “maravilhar-se-ão” uma; “maravilhados” uma; “*mirabilia*” uma, bem como; “*mirabilia*”.

Conclusões

Por meio da compreensão do termo “maravilha” no escrito de Jean de Mandeville, concluímos que o autor pensava o Oriente como um local em que as leis da natureza funcionavam de forma diferente do habitual. As *mirabilia* descritas, então, mesmo sendo atípicas, eram encaradas como reais, tanto pelo autor da obra, quanto pelos leitores.

Paralelamente, o maravilhoso, muitas vezes, era descrito para exaltar pontos específicos, como por exemplo, as terras do Grande Cã e sua corte. Demonstrativo disto é o pavonear do termo quando o autor se debruça nas descrições de elementos relacionados ao Grande Cã.

Por fim, é importante ressaltar todas as vezes que o vocábulo “maravilha” aparece ligado à religião, possui como base o cristianismo. Jean de Mandeville não demonstra um olhar de austeridade ao descrever costume e crenças do Oriente.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à CNPq pelo financiamento à pesquisa, sem o qual não teria sido possível realizá-la. Agradeço, também, meu orientador, Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis, pelo apoio, confiança e paciência. Gratifico a Universidade Estadual de Maringá pela possibilidade de desenvolvimento a iniciação científica.

Referências

ALTAMIRANO MEZA, G. R. **Lo maravilloso al servicio de la configuración heroica en el Libro de Alexandre**. 2008. Tesis de Licenciatura en Lengua y Literaturas hispánicas, UNAM, DF, México.

BARROS, J. D'Asunção. História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis. **Conexão**: Revista de comunicação da Universidade de Caxias do Sul – v.6, n.11, jan-jun 2007, pg. 11-39.

LE GOFF, J. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Portugal: Edições 70, 1985.

OSORIO, S. M., HOYOS, S. F. El mediterráneo a través de la ficción: el extraño caso de Sir John Mandeville. **Anuario de Estudios medievales (AEM)**, 36/1, enero junio de 2006, pp. 335-354.

VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Bauru, SP: EDUSC, 2017.